

o livro dos amigos perdidos

lisa wingate

Tradução de Susana Lopes



O Livro dos Amigos Perdidos é uma obra de ficção. Todos os acontecimentos, diálogos, e todas as personagens, com exceção de algumas figuras históricas conhecidas, são fruto da imaginação da autora e não devem ser considerados reais. Onde surgem figuras históricas reais, as situações, os acontecimentos e os diálogos relativos a essas pessoas são inteiramente fictícios e não se destinam a representar acontecimentos verdadeiros nem a modificar a natureza inteiramente ficcional da obra. Em todos os outros aspetos, qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é pura coincidência.





*Para a Gloria Close, por ajudar as famílias
de hoje a encontrarem lares seguros.*

*Para Andy e Diane, e para os dedicados
guardiões do Historic New Orleans Collection.
Obrigada por preservarem a história.*

*Para os Amigos Perdidos, onde quer que estejam.
Que os vossos nomes nunca sejam esquecidos
e as vossas histórias contadas para sempre.*



PRÓLOGO



Uma joaninha pousa como uma pena no dedo da professora, e ali fica, como uma pedra preciosa com vida. Um rubi com bolinhas e pernas. Antes que uma brisa suave afugente a visita, uma velha lengalenga passa pela cabeça da professora.

*Joaninha, voa, voa
Que o teu pai foi para Lisboa.*

As palavras deixam uma sombra triste quando a professora toca no ombro da aluna, sente o calor húmido sob o vestido de chita barata da rapariga. O decote cosido à mão fica torto sobre a lisa pele âmbar, a vestimenta um pouco grande para a rapariga que está dentro dela. Uma cicatriz saliente espreita pelo único punho que está abotoado. A professora pergunta-se brevemente qual terá sido a causa, resistindo a deixar a sua mente vaguear.

De que é que serviria?, pergunta ela.

Todos temos cicatrizes.

Olha em redor do improvisado local de reunião sob as árvores, os rústicos bancos de laje apinhados de raparigas à beira da idade adulta, rapazes desejando entrar no mundo dos homens. Inclinação sobre mesas tortas cheias de canetas de tinta permanente, mata-borrões e tinteiros, leem os seus trabalhos, proferindo em silêncio as palavras, concentrados na importante tarefa que têm por diante.

Todos com exceção desta rapariga.

— Estás preparada? — pergunta a professora, fazendo um gesto com a cabeça na direção do trabalho da rapariga. — Treinaste em voz alta?

— Não sou capaz. — A rapariga curva-se, derrotada pela sua mente. — Não... não com todas *estas* pessoas a olharem para mim. O seu rosto

volta-se com tristeza na direção dos espectadores que se juntaram perto da aula ao ar livre — homens endinheirados com fatos de bom corte e mulheres com vestidos caros, que afastavam petulantemente o calor da tarde com panfletos e leques de papel que haviam sobrado dos inflamados discursos políticos da manhã.

— Nunca sabes o que és capaz de fazer até tentares — persuadiu a professora. Oh, quão familiar era aquela insegurança adolescente. Não há muitos anos, a professora *era* aquela rapariga. Insegura, dominada pelo medo. Paralisada, na verdade.

— Não *consigo* — geme a rapariga, agarrando-se ao estômago.

Segurando a saia e o saiote pesados para não os deixar arrastar no chão, a professora agacha-se para fitar os olhos da rapariga.

— Onde mais é que eles ouvirão a história senão de ti — a história de ser roubada à família? De escrever um anúncio à procura de ter notícias dos seus entes queridos, e da esperança de economizar os cinquenta cêntimos necessários para o publicar no jornal *Southwestern*, para que se espalhasse por todos os territórios e estados adjacentes? Como é que eles vão perceber a necessidade desesperada de finalmente saber: *A minha família está aí, algures?*

Os ombros magros da rapariga endireitaram-se, depois descaíram.

— Estas pessoas não estão aqui porque têm interesse no que tenho para dizer. Não vai mudar nada.

— Talvez mude. Os empreendimentos mais importantes envolvem correr riscos.

A professora sabia bem do que falava. Um dia, também ela deveria embarcar numa viagem semelhante, uma que envolvia riscos.

Contudo, hoje, o mais importante era os seus alunos e a coluna dos *Amigos Perdidos* do jornal *Southwestern Christian Advocate*, e tudo o que representava.

— Pelo menos, devemos contar as nossas histórias, não achas? Proferir os nomes? Sabes, há um velho provérbio que diz: Morremos uma primeira vez quando o nosso último fôlego abandona o nosso corpo. Morremos uma segunda vez quando o nosso nome é pronunciado pela última vez. A primeira morte não a podemos controlar, mas podemos esforçar-nos para impedir a segunda.

— Se o diz — aquiesce a rapariga, inspirando tenuemente. — Mas é melhor fazê-lo já, para não perder a coragem. Posso apresentar o meu trabalho antes dos outros?

A professora assentiu.

— Se começares, tenho a certeza de que os outros saberão o que fazer.
— Afastando-se, olha para o resto do seu grupo. *Todas estas histórias*, pensa ela. *Pessoas separadas por distâncias impossíveis, pela falácia humana, pela crueldade. Suportando o terrível suplício de não saberem.*

E embora preferisse que não acontecesse — daria qualquer coisa para que não acontecesse —, visualizou a sua cicatriz. Uma escondida por baixo da pele onde mais ninguém conseguia ver. Pensa no seu amor perdido, por aí. Algures. Quem sabe onde?

Um murmúrio de impaciência velada agita a audiência quando a rapariga se levanta e percorre o corredor por entre os bancos, a sua postura enrijece transformando-se num porte estranhamente régio. O movimento frenético dos leques de papel para e os panfletos flutuantes silenciam-se quando ela se volta para apresentar o seu trabalho, não olhando nem para esquerda nem para a direita.

— Eu... — a sua voz fraqueja. Percorrendo a multidão com o olhar, ela abre e fecha as mãos, agarrando dobras grossas do vestido de chita azul e branco. O tempo parece pairar, como a joaninha a decidir se deve pousar ou voar para longe.

Por fim, o queixo da rapariga ergue-se com grande determinação. A sua voz ultrapassa os alunos e chega à audiência, exigindo atenção quando pronuncia um nome que não será silenciado naquele dia.

— Chamo-me Hannie Gossett.

Amigos Perdidos

Não cobramos aos assinantes a publicação destas cartas. Todos os outros pagarão cinquenta cêntimos. Pastores, por favor leiam dos seus púlpitos os pedidos publicados abaixo, e deem-nos a conhecer qualquer história de amigos que se reencontraram por causa das cartas publicadas no *SOUTHWESTERN*.

Caro editor,

gostava de ter informações sobre a minha família. A minha mãe chamava-se Mittie. Tinha nove filhos, eu sou a do meio e chamo-me Hannie Gossett. Os outros chamavam-se Hardy, Het, Pratt, Epheme, Addie, Easter, Ike e Rose, e eram tudo o que a minha mãe tinha quando fomos separados. A minha avó chamava-se Caroline e o meu avô Pap Ollie. A minha tia chamava-se Jenny e era casada com o tio Clem até ele ter morrido na guerra. A tia Jenny tinha quatro filhas, a Azelle, a Louisa, a Martha e a Mary. O nosso primeiro senhor foi William Gossett da plantação Goswood Grove, onde crescemos e vivemos até o nosso patrão planear levar-nos do Luisiana

para o Texas durante a guerra, para nos refugiarmos no Texas e formarmos lá uma nova plantação. Durante os planos, tivemos a dificuldade de sermos roubados por Jephtha Loach, um sobrinho da Senhora Gossett. Ele levou-nos da Old River Road, a sul de Baton Rouge, para norte e para oeste através do Luisiana em direção ao Texas. Os meus irmãos e irmãs, primas e tia foram vendidos e levados de nós em Big Creek, Jatt, Winfield, Saline, Kimballs, Greenwood, Bethany e por fim na cidade de Powell, Texas, onde a minha mãe foi levada e nunca mais a vi. Agora já sou crescida, fui a única a ser rejeitada pelo meu comprador em Marshall, Texas, e devolvida aos Gossett depois de se tornar claro quem era o meu verdadeiro proprietário. Estou bem, mas sinto muitas saudades da minha mãe, e qualquer informação sobre ela ou qualquer um dos meus familiares é muito desejada.

Rezo para que todos os pastores e amigos que leiam este apelo atendam ao pedido desesperado de um coração partido e que me enviem notícias para Goswood Grove Store, Augustine, Luisiana. Qualquer informação será bem-vinda e recebida com gratidão.

CAPÍTULO 1



HANNIE GOSSETT – LUISIANA, 1875

O sonho não me deixa ter um sono tranquilo, tal como já fizera muitas outras vezes, arrasta-me como se eu fosse poeira. Flutuo para longe, uma dúzia de anos para trás, e saio de um corpo quase de mulher para a figura de uma menina com apenas seis anos. Embora não o queira, vejo o que os meus olhos de menina viram então.

Vejo os compradores a juntarem-se no pátio do negreiro enquanto eu espreito pelas frestas da paliçada. Estou de pé na lama gelada pisada por tantos outros pés antes dos meus. Pés grandes como os da mamã e pés pequenos como os meus e pés minúsculos como os da Mary Angel. Calcanhares e dedos que deixaram marcas no solo molhado.

Quantos outros estiveram aqui antes de mim?, pergunto a mim própria. Quantos outros com os corações acelerados e os músculos tensos, mas sem terem para onde fugir?

Talvez centenas de centenas. Calcanhares em dobro e dedos às dezenas. Não consigo contar até tanto. Acabei de fazer seis anos há alguns meses. Estamos em *febreiro*, uma palavra que nunca consigo dizer como deve ser. A minha boca torce-se e diz *feb-be-be-be-reiro*, como uma ovelha. Os meus irmãos e as minhas irmãs sempre me atazanaram muito com isso, os oito, até mesmo os mais novos. Normalmente, andávamos à bulha se a mamã estava a trabalhar nos campos ou na fiação, a fiar a lã e a tecer a fazenda.

A nossa cabana de madeira abanava e chocalhava até finalmente alguém cair pela porta ou pela janela e ficar a uivar. Isso fazia com que a Velha Tati aparecesse, de cana em punho, e dissesse: «Vou dar-vos uma coça com esta cana se não se calam agora.» Na brincadeira, dava-nos pancadas nas nádegas e nas pernas, e nós trepávamos uns por cima dos outros como cabritos a correrem pelo portão. Enfiávamo-nos debaixo das camas a tentarmos esconder-nos, com os joelhos e os cotovelos à mostra.

Já não posso fazer isso. Todos os filhos da minha mãe foram levados um a um e dois a dois. A tia Jenny Angel e três das suas filhas também foram levadas. Vendidas em pátios de negreiros como aquele, desde o Sul do Luisiana quase até ao Texas. A minha mente faz um esforço para se lembrar de todos os lugares onde estivemos, de dia para dia somos cada vez menos, enquanto caminhamos atrás da carroça de Jep Loach; as correntes puxam os adultos pelos pulsos, e nós, as crianças, não temos outra opção senão segui-los.

Mas as noites são o pior de tudo. Esperamos apenas que o Jep Loach adormeça rapidamente por causa do uísque e da viagem do dia. É quando ele não adormece que as coisas más acontecem — à mamã e à tia Jenny, e agora apenas à mamã, pois a tia Jenny foi vendida. Só resto eu e a mamã. Nós as duas e a bebé da tia Jenny, a pe'nina Mary Angel.

Sempre que pode, a mamã sussurra-me aquelas palavras ao ouvido — quem foi levado de nós, e os nomes de quem os comprou no leilão e para onde foram levados. Começamos com a tia Jenny e as três filhas mais velhas. Depois vêm os meus irmãos e irmãs, do mais velho para o mais novo, *Hardy em Big Creek, para um homem chamado LeBas de Woodville. Het em Jatt, levado por um homem chamado Palmer de Big Woods...*

Prat, Epheme, Addie, Easter, Ike e a bebé Rose, arrancados dos braços da minha mamã num lugar chamado Bethany. A bebé Rose chorou e a mamã lutou e implorou e disse: «Temos de ficar juntas. A bebé ainda mama! A bebé...»

Agora sinto vergonha, mas agarrei-me às saias da mamã e gritei: «Mamã, não! Mamã, não! Não!» O meu corpo tremia e a minha mente corria em círculos desenfreados. Tinha medo de que também levassem a minha mamã, e que ficássemos só eu e a minha priminha Mary Angel quando a carroça começasse a andar novamente.

Jep Loach quer lucrar com todos nós antes de terminar, mas vende apenas um ou dois em cada lugar, para partir rapidamente. Diz que o tio lhe deu permissão para isso, mas não é verdade. O Velho Patrão e a Velha Senhora queriam que ele fizesse o que toda a gente do Sul do Luisiana estava a fazer desde que as canhoneiras *yankee* subiram o rio desde Nova Orleães — levar os seus escravos para oeste para que os federais não pudessem libertar-nos. Procurar refúgio na terra dos Gossett no Texas até a guerra acabar. Foi por isso que nos mandaram com Jep Loach, mas em vez disso ele roubou-nos.

— O patrão Gossett vem buscar-nos assim que souber que foi traído

pelo Jep Loach — prometeu a mamã, uma e outra vez. — Nessa altura, não vai importar se ele é sobrinho da Velha Senhora. O patrão vai mandar o Jep para o exército para ir combater na guerra. O Jep só ainda não está a usar aquela farda cinzenta porque o patrão está a pagar para ele não ir. Isto vai ser o fim, e nós vamos ficar livres do Jep para sempre. Espera para veres. E é por isso que cantamos os nomes, para sabermos onde procurar os perdidos quando o Velho Patrão vier. Guarda isto bem fundo nas tuas memórias, para que o possas contar se te encontrarem primeiro.

Mas agora a esperança parece tão ténue como a luz do inverno através daqueles pinhais do Este do Texas, enquanto eu me agacho dentro da paliçada no pátio do negreiro. Só está aqui a mamã, eu e a Mary Angel, e uma parte hoje. Pelo menos uma. Mais moedas no bolso, e quem não for vendido continuará a seguir a carroça do Jep Loach. Ele irá logo meter-se nos copos, satisfeito por se ter safado mais uma vez, do roubo dos seus parentes.

Todos os parentes da Velha Senhora — toda a família Loach — não prestam para nada, mas o Jep é o pior de todos, pior até que a Velha Senhora.

— Sai daí, Hannie — diz-me a mãe. — Anda para ao pé de mim.

De repente, a porta abre-se e um homem pega no bracinho da Mary Angel, e a mamã agarra-se a ela, as lágrimas a escorrerem como um rio enquanto sussurra ao negreiro, que é grande como uma montanha e escuro como os olhos de um veado.

— Nós não somos dele. Fomos roubados ao patrão William Gossett da plantação Goswood Grove, junto à River Road, a sul de Baton Rouge. Nós fomos levados. Nós... fomos... nós...

Ela caiu de joelhos, dobra-se sobre a Mary Angel como se pudesse pôr aquela menina dentro de si.

— Por favor. Por favor! A minha irmã Jenny já foi vendida por este homem. E todas as suas filhas, e todos os meus filhos menos a minha Hannie. Leve-nos todas juntas. Leve-nos às três. Diga ao seu patrão que esta bebé está doente. Diga que temos de ser vendidas todas juntas. As três juntas. Tenha piedade. Por favor! Diga ao seu patrão que fomos roubadas ao patrão William Gossett de Goswood Grove, junto à River Road. Somos propriedade roubada. Fomos *roubadas*.

O gemido é avelhentado e cansado.

— Não posso fazer nada. Ninguém pode fazer nada. Só está a fazer com que seja mais difícil para a criança. Só está a dificultar. Duas têm de ir hoje. Em dois lotes diferentes. Uma de cada vez.

— Não. — Os olhos da mamã fecham-se com força, depois abrem-se

outra vez. Ela olha para o homem, cospe palavras e lágrimas e saliva, tudo junto. — Diga ao meu patrão William Gossett, quando ele vier à nossa procura... pelo menos diga-lhe para onde fomos. Diga-lhe quem nos levou e para onde fomos. O Velho Patrão Gossett vai encontrar-nos, levar-nos para o refúgio do Texas, a todos.

O homem não responde, e a mamã volta-se para a Mary Angel e tira um pedaço de fazenda castanha cortada da bainha do pesado saiote de inverno da tia Jenny Angel enquanto acampávamos perto da carroça. Com as suas mãos, a mamã e a tia Jenny Angel fizeram quinze bolsas pequenas, presas com fios de juta que tinham roubado da carroça.

Dentro de cada bolsa havia três contas de vidro azul que a avó guardava com grande carinho. Aquelas contas eram o seu bem mais precioso, tinham vindo de África. *Foi onde a minha avó e o meu avô foram apanhados.* Ela contava essa história nas noites de inverno à luz da vela de sebo, todos nós reunidos em redor das suas pernas naquele anel de luz. Então, ela falava sobre África, de onde a nossa gente vinha. Onde havia rainhas e príncipes.

Azul quer dizer que todos nós trilhamos o caminho verdadeiro. A família deve ser leal, uns com os outros, sempre e para sempre, dizia ela, e depois os seus olhos juntavam-se nos cantos e ela pegava no cordão de contas e deixava-nos passá-lo em círculo, sentir o seu peso nas nossas mãos. Sentir um pequeno pedaço desse lugar longínquo... e o significado do azul.

Agora, três contas estavam a ser preparadas para acompanhar a minha priminha.

A mamã segura o queixo de Mary Angel com força.

— Isto é uma promessa.

A mamã enfia aquela bolsa por baixo do vestido da Mary Angel e prende os fios em redor de um delgado pescoço de bebé que ainda é muito pequeno para a cabeça que suporta.

— Guarda-o bem, ervilhinha. É só isso que tens de fazer, guardá-lo. Este é o símbolo do nosso povo. Nesta vida, ainda nos vamos voltar a ver, não importa quanto tempo demore, é assim que cada um de nós reconhece o outro. Se passar muito tempo e tu cresceres, pelas contas vamos reconhecer-te. Ouve o que te digo. Presta atenção à tua tia Mittie, está bem? — ela faz um gesto com as mãos. Uma agulha e uma linha. Contas num fio. — Um dia, todos nós vamos voltar a juntar este cordão. Neste mundo, se Deus quiser, ou no próximo.

A pequena Mary Angel não assentiu, não pestanejou nem falou. Costumava encher-nos os ouvidos com a sua tagarelice, mas naquele

momento não. Uma grande lágrima escorre-lhe pela pele escura enquanto o homem a leva porta fora, os seus braços e pernas rijos como os de uma boneca de madeira.

Em seguida, o tempo dá um salto. Não sei como, mas estou novamente ao pé da parede a espreitar por entre os troncos enquanto a Mary Angel é levada para o outro lado do pátio. Os seus pequenos sapatos castanhos a baloiçarem no ar, os mesmos sapatos que todos nós recebemos como presente de Natal há apenas dois meses, feitos especialmente ali em Goswood pelo tio Ira, que era o responsável pelos curtumes, que arranjava os arreios, e que fazia todos aqueles sapatos novos pelo Natal.

Penso nele e na nossa casa enquanto vejo os pequenos sapatos de Mary Angel em cima do estrado do leilão. O vento frio desliza pelas suas pernas magras quando o vestido é levantado e o homem diz que ela tem joelhos bons e direitos. A mamã só chora. Mas alguém tem de prestar atenção a quem vai levar a Mary Angel. Alguém tem de a juntar ao cântico.

Por isso, eu estou atenta.

Parece que passou apenas um minuto antes de uma grande mão agarrar o meu braço, e arrastar-me pelo chão. O meu ombro sai do sítio com um estalo. Os calcanhares dos meus sapatos de Natal sulcam a terra como as lâminas de um arado.

— Não! Mamã! Ajuda-me! — o meu sangue corre rapidamente. Debato-me e grito, agarro o braço da mamã e ela agarra no meu.

Não me largues, dizem os meus olhos aos dela. Subitamente, percebo as palavras do homem grande e por que razão elas destroçaram a mamã. *Duas têm de ir hoje. Em dois lotes diferentes. Uma de cada vez.*

É neste dia que o pior aconteceu. O meu último dia com a minha mamã. Duas são vendidas ali e uma segue com Jep Loach, para ser vendida no lugar seguinte. O meu estômago dá voltas e arde-me na garganta, mas não há lá nada para vomitar. Faço chichi pelas pernas abaixo, que me alaga o sapato e encharca o chão.

— Por favor! Por favor! As duas juntas! — implora a mamã.

O homem pontapeia-a com força, e as nossas mãos desfazem o seu enlace. A cabeça da mamã bate nos troncos, e ela cai em cima daquelas pequenas marcas de todos os outros pés, o seu rosto tranquilo como se tivesse adormecido. Uma bolsa pequena balouça-lhe na mão. Três contas azuis rolam pelo chão.

— Se me deres problemas, eu mato-ali mesmo onde ela está.

A voz percorre-me como um arrepio. Não é o empregado do negreiro

que me está a agarrar. É Jep Loach. Eu não estou a ser levada para o estrado. Estou a ser levada para a carroça do demónio. Sou eu quem ele quer vender em algum lugar mais adiante.

Solto-me, tento correr para a mamã, mas os meus joelhos ficam moles como a relva macia. Caio e estico os meus dedos na direção das contas, na direção da minha mãe.

— Mamã! Mamã! — eu grito, e grito, e grito...

É A MINHA VOZ QUE ME ACORDA DO SONHO DAQUELE DIA TERRÍVEL, como sempre. Ouço o som do grito, sinto a sua aspereza na minha garganta. Acordo a lutar contra as mãos grandes do Jep Loach e a chamar pela minha mãe que já não vejo há doze anos, desde que era uma criança de seis anos.

— Mamã! Mamã! Mamã! — As palavras saem-me mais três vezes, percorrem os escuros e silenciosos campos de Goswood Grove antes de eu fechar a boca e espreitar por cima do ombro para a cabana partilhada, com a esperança de que não me tenham ouvido. Não faz sentido acordar toda a gente com as recordações dos meus sonhos. Amanhã é um dia de trabalho duro para mim, para a Velha Tati, e para os jovens perdidos que ela criou ao longo destes muitos anos, desde que a guerra acabou, e que já não têm mães nem pais que os procurem.

De todos os meus irmãos e irmãs, de todos os membros da minha família que foram roubados pelo Jep Loach, eu fui a única que o patrão Gossett recuperou, e foi apenas por sorte, quando as pessoas do leilão seguinte perceberam que eu era mercadoria roubada e chamaram o xerife para me guardar até que o patrão chegasse. Com a guerra a andar, as pessoas a fugirem para todo o lado para lhe escaparem, e nós a tentarmos ganhar a vida nas terras selvagens do Texas, não era possível voltar para trás e procurar pelos outros. Eu era uma criança sem família quando por fim os soldados da Federação entraram no nosso refúgio no Texas e obrigaram os Gossett a lerem as cartas de alforria em voz alta, e a declararem que a guerra terminara, até mesmo no Texas. Agora os escravos podiam ir para onde quisessem.

A Velha Senhora avisou-nos a todos de que não nos afastaríamos sequer oito quilómetros antes de morrermos à fome, ou sermos mortos por salteadores, ou escalpelados pelos índios, e ela esperava que isso acontecesse se fôssemos ingratos e tolos a ponto de partirmos. Com o fim da guerra,

já não era preciso estarmos refugiados no Texas, e o melhor era voltarmos para o Luisiana com ela e com o patrão Gossett — a quem devíamos agora tratar por *Senhor*, e não *Patrão*, para não despertarmos a ira dos soldados da Federação que ainda andariam a rastejar por ali como piolhos durante algum tempo. De volta à nossa velha casa em Goswood Grove, pelo menos teríamos o Velho *Senhor* e a Senhora para nos manterem a salvo e para nos alimentarem e porem roupas nos nossos corpos miseráveis.

— Ora, vocês, as crianças, não têm escolha — disse ela aos que não tinham família. — Estão à nossa responsabilidade, e é claro que vos vamos dar o privilégio de vos levar para longe desta terra selvagem, esquecida por Deus, que é o Texas, de volta a Goswood Grove até serem maiores de idade ou até os vossos pais irem à vossa procura.

Por muito que eu odiasse a Velha Senhora, e trabalhar na casa como ama e fantoche da Pequena Menina Lavinia, que era a provação em pessoa, agarrei-me à promessa que a mamã tinha feito há dois anos no pátio do negreiro. Ela viria à minha procura, assim que pudesse. Ela iria encontrar-nos a todos, e em conjunto juntaríamos outra vez as contas da avó.

E por isso eu era obediente, mas também esperançosamente inquieta. Foi a inquietação que me levou a vaguear durante a noite, que conjurou os sonhos maus com Jep Loach, a ver a minha família a ser levada, e a ver a minha mamã estendida no chão da paliçada do negreiro. Morta, tanto quanto sabia na altura.

Tanto quanto sei *agora*.

Olho para baixo e percebo que voltei a andar enquanto dormia. Estou de pé no toco do velho tronco da nogueira-pecã. Um campo de solo novo estende-se à minha frente, a recém-plantada safra da estação ainda é muito rala e delicada para o cobrir. Os fios de luar caem sobre as pontas das fileiras, a terra é um tear gigante, os fios da trama estão amarrados, mas aguardam que a tecedeira deslize a lançadeira para a frente e para trás, para a frente e para trás, dando forma ao tecido como as escravas faziam antes da guerra. As fiações agora estão vazias porque nas lojas se compra chita barata vinda das fábricas do Norte. Mas antigamente, quando eu era criança, cardava-se o algodão e a lã. Fiava-se um pedaço de fio todas as noites depois de se terminar o trabalho no campo. Essa era a vida da mamã em Goswood Grove. Tinha de ser ou teria que se avir com a Velha Senhora.

Aquele toco — aquele mesmo — era onde o capataz se empoleirava para observar os grupos a trabalharem nos campos, com o chicote de couro pendurado a serpentear como uma cobra pronta para morder,

mantendo toda a gente a trabalhar nas fileiras de algodão. Se alguém se atrasasse ou tentasse descansar um minuto, o capataz descobria-o. Se o velho patrão Gossett estivesse em casa, eles levavam apenas uma pequena esfrega com o chicote. Mas se o patrão Gossett estivesse em Nova Orleães, onde ele tinha a sua *outra* família — de que toda a gente sabia, mas ninguém se atrevia a falar —, então, cuidado. O chicoteamento iria ser duro, porque era a Velha Senhora que dava as ordens. A Senhora não gostava que o marido tivesse uma *plaçage*¹ e um filho mestiço em Nova Orleães. Bairros como Faubourg Marigny e Tremé era onde os abastados fazendeiros mantinham as suas amantes e os filhos. Raparigas bonitas, com um quarto ou um oitavo de sangue negro. Mulheres de ossos delicados e pele cor de azeitona, que viviam em belas casas e também tinham escravos a trabalharem para elas.

Esses velhos hábitos já quase desapareceram neste últimos anos, desde que a guerra do Mr. Lincoln acabou. O capataz e o seu chicote, a mamã e os grupos de escravos que trabalhavam nos campos até se perderem de vista, as grilhetas, e os leilões como aqueles que levaram a minha família — tudo isso é algo que raramente me passa pela cabeça.

Por vezes, quando acordo, penso que a minha família foi algo que inventei, que nunca existiu. Mas depois, toco nas contas de vidro que estão no cordão que trago ao pescoço, e entoo o cântico com os seus nomes.

Hardy foi levado em Big Creek por um homem de Woodville, Het em Jatt...

Continuo até chegar à bebé Rose e à Mary Angel. E à mamã.

Era verdade. Nós existíamos. Uma família, junta. Olho para o distante e vacilante corpo de seis anos e para aquele que tem dezoito anos, mas que não é muito diferente. Ainda é escanzelado como se tivesse sido esculpido com galhos.

A mamã costumava dizer: *Hannie, tu pões-te atrás do cabo da vassoura, e eu nem sequer te consigo ver.* Depois sorria, tocava-me no rosto e sussurrava: *Mas tu és uma criança linda. Sempre foste bonita.*

Ouço-a como se estivesse ao meu lado, com uma cesta de carvalho branco no braço, a caminho do canteiro que havia por trás da nossa pequena cabana, a última no fim dos antigos alojamentos.

Tão depressa como a sinto, ela desaparece outra vez.

¹ *Plaçage* — Nos séculos XVIII e XIX, no Luisiana, era costume muitos homens brancos darem uma casa a uma mulher negra ou mestiça com quem mantinham um relacionamento e constituíam família. (N. da T.)

— Porque é que não vieste? — as minhas palavras pairam no ar da noite.
— Porque é que não vieste buscar a tua filha? Nunca vieste. — Agacho-me na beira do toco e olho para as árvores ao pé da estrada, os seus troncos grossos escondidos por farrapos de luar e nevoeiro.

Acho que vi alguma coisa. Pode ser um espírito. *Há muitas pessoas enterradas no chão de Goswood*, diz a Velha Tati quando à noite, na cabana, nos conta histórias. *Muito sangue e sofrimento foram deixados aqui. Este sítio vai ter sempre fantasmas.*

Um cavalo relincha baixinho. Vejo um cavaleiro na estrada. Um manto escuro cobre-lhe a cabeça e flutua, leve como o fumo.

É a minha mamã que vem à minha procura? Que vem para me dizer: *Já tens quase dezoito anos, Hannie. Porque é que ainda estás sentada no mesmo velho toco?* Quero ir ter com ela. Quero ir-me embora com ela.

Aquilo será o Velho Senhor, que está de regresso a casa depois de ter ido tirar o seu filho malvado de problemas outra vez?

Aquilo será um espírito que veio para arrastar e afogar no rio?

Fecho os olhos, abano a cabeça, olho outra vez. Não está lá nada, a não ser um farrapo de nevoeiro.

— Gaiata? — o sussurro da Tati vem de longe, preocupado, cuidadoso.
— Gaiata? — não importa que idade tenhamos, se a Tati te criou, para ela vais ser sempre uma *gaiata*. Até mesmo os desgarrados que tinham crescido e seguido a sua vida, continuavam a ser *gaiatos*, se a vinham visitar.

Espevito as orelhas, abro a boca para lhe responder, mas não consigo.

Está *ali* alguém — uma mulher junto aos altos pilares brancos do portão de Goswood, a pé agora. Os carvalhos sussurram no alto, como se os seus velhos ossos estivessem apoquentados por ela se ter aproximado da entrada. Um galho baixo prende-lhe o capuz e o seu longo cabelo escuro flutua livremente.

— M...mamã? — digo eu.

— Gaiata? — sussurra a Tati, novamente. — Onde é que estás? — Ouço-a a caminhar apressadamente, a sua bengala a bater com rapidez até ela me encontrar.

— Estou a ver a mamã a chegar.

— Estás a sonhar, meu doce. — Os dedos nodosos da Tati envolvem o meu pulso, gentilmente, mas ela não se aproxima. Por vezes, os meus sonhos desfazem-se numa luta. Acordo aos pontapés e a arranhar para soltar o meu braço da mão do Jep Loach.

— Gaiata, estás bem. Apenas foste passear durante o sono. Agora

acorda. A mamã não está aqui, mas a Velha Tati está aqui ao pé de ti. Estás a salvo.

Desvio o olhar do portão, depois volto a olhar para lá. A mulher desapareceu, e não importa o esforço que faça, já não a consigo ver.

— Acorda, agora, gaiata. — Ao luar, o rosto de Tati é castanho-avermelhado, como a madeira dos ciprestes arrancados das águas profundas, escuro em contraste com a touca de musselina sobre o seu cabelo prateado. Tira um xaile do braço e passa-o ao meu redor. — Aqui fora com toda esta humidade! Ainda arranjas uma pleurisia. O que seria de nós com esse tipo de preocupação? E depois com quem é que o Jason se vai ajeitar?

A Tati dá-me umas pancadinhas com a bengala, para me irritar. A coisa que ela mais quer é que o Jason e eu nos casemos. Assim que passarem os dez anos de contrato de meação que fez com o Velho Senhor, a terra passa a ser dela, e a Tati precisa de alguém a quem a passar. Eu e os gémeos, Jason e John, somos os últimos dos seus desgarrados. Mais uma estação de cultivo é tudo o que falta para terminar o contrato, mas e o Jason e eu? Fomos criados na casa da Tati como irmãos. É difícil ver as coisas de forma diferente, mas o Jason é um bom rapaz. É bom trabalhador, embora ele e o John tenham vindo ao mundo com uma mente mais lenta do que a maioria.

— Não estou a sonhar — digo quando a Tati me puxa do toco.

— O Diabo é que não estavas. Vamos embora, agora. De manhã, temos trabalho à nossa espera. Vou amarrar-te o tornozelo à cama se não paras de me dar estas noites miseráveis. Ultimamente, estás pior. Pior nesses sonhos ambulantes do que quando eras uma coisinha pequena.

Estremeço contra o braço de Tati, lembrando-me de todas as vezes, quando era criança, que no meu sonambulismo saí da minha enxerga perto do berço de Menina Lavinia, e acordei com a Velha Senhora a espancar-me com a colher de pau, ou um pingalim ou um gancho de ferro da lareira. Com o que estivesse mais à mão.

— Calma. Não consegues evitar. — A Tati apanha um punhado de terra e atira-o por cima do ombro. — Põe isso para trás das costas. Está a chegar um novo dia e temos muito que fazer. Anda, atira também um bocado, só por precaução.

Faço o que ela diz e depois benzo-me, e a Tati também.

— Pai, Filho e Espírito Santo — murmuramos em uníssono. — Guia-nos e protege-nos. Guarda-nos à frente e atrás. Sempre e para todo o sempre. Ámen.

Não deveria fazê-lo — dá azar olhar para trás, para um espírito, depois de termos atirado um punhado de terra por cima do ombro —, mas faço-o. Olho para a estrada.

Estou gelada.

— O que é que estás a fazer? — a Tati quase tropeça quando eu paro subitamente.

— Eu não estava a sonhar — sussurro, e não me limito a olhar. Aponto, mas a minha mão treme. — Eu estava a olhar para *ela*.

Amigos Perdidos

Não cobramos aos assinantes a publicação destas cartas. Todos os outros pagarão cinquenta cêntimos. Pastores, por favor leiam dos seus púlpitos os pedidos publicados abaixo, e deem-nos a conhecer qualquer história de amigos que se reencontraram por causa das cartas publicadas no *SOUTHWESTERN*.

Caro editor,

Gostaria de ter informações sobre uma mulher chamada Caroline, que pertencia a um homem da Nação Cherokee, do território índio, chamado John Hawkins, ou Olho Ebugalhado Smith, como era habitualmente chamado. Smith levou-a da Nação para o Texas, e vendeu-a outra vez. Toda a família pertencia a Delanos antes de serem separados e vendidos. O nome da mãe dela era Letta; o nome do pai era Samuel Melton; os filhos chamavam-se: Amerietta, Susan, Esau, Angeline, Jacob, Oliver, Emeline e Isaac. Se algum dos seus leitores souber de tal pessoa, fariam um favor à sua querida irmã, Amerietta Gibson, ao enviarem-me informações para Independence, Kans., P. O. Box 94.

Pastor Wm. B. Avery

Coluna «Amigos Perdidos» do *Southwestern*
24 de agosto de 1880

CAPÍTULO 2



BENEDETTA SILVA – AUGUSTINE,
LUISIANA, 1987

O motorista do camião buzina. Os travões guincham. Os pneus saltitam pelo asfalto. Uma pilha de tubos de aço inclina-se em câmara lenta, testando as amarras de náilon incrustadas de gordura que seguram a carga. Uma tira solta-se e volteia na brisa enquanto o camião desliza na direção do cruzamento.

Todos os músculos do meu corpo enrijecem. Preparo-me para o impacto, imaginando fugazmente o que é que poderá sobrar do meu enferrujado *Volkswagen Beetle* depois da colisão.

O camião não está ali há um segundo. Era capaz de jurar que não estava.

Quem é que indiquei como meu contacto de emergência na minha ficha de funcionária?

Lembro-me de ponta da caneta pairar sobre a linha em branco, o momento da dolorosa e irónica decisão. Talvez não tenha preenchido esse espaço.

O mundo passa por mim com detalhes vívidos — a polícia sinaleira corpulenta com o seu cabelo branco-azulado e o corpo curvado, a empunhar o sinal de STOP portátil. Crianças de olhos arregalados, imóveis no cruzamento. Os livros que escorregam do braço magro de um aluno de liceu, caindo, caindo, batendo e espalhando-se. Ele tropeça, cai com as mãos espalmadas e desaparece por detrás do camião.

Não. Não, não, não! Por favor, não. Cerro os dentes. Fecho os olhos, volto o rosto, puxo o volante, carrego com mais força no travão, mas o Carocha continua a deslizar.

O metal bate contra o metal, dobra-se e amachuca-se. O carro passa por cima de alguma coisa, primeiro as rodas da frente, depois as de trás. Sinto a minha cabeça bater contra a janela e depois contra o tejadilho.

Não pode ser. Não pode.

Não, não, não.

O Carocha bate no passeio, salta, depois para, o motor a roncar, o fumo da borracha a encher o carro.

Mexe-te, digo para mim. Faz alguma coisa.

Imagino um pequeno corpo na estrada. Calças de fato de treino vermelhas, demasiado quentes para aquele dia. *T-shirt* azul desbotada, demasiado grande. Pele castanha cálida. Grandes olhos escuros, sem vida. Reparei nele ontem no recreio vazio da escola, aquele rapaz com umas pestanas enormes e a cabeça recém-rapada, sentado sozinho perto do muro a cair aos bocados depois de os alunos mais velhos terem isso buscar os seus horários e dispersarem para fazer o que quer que os miúdos em Augustine, Luisiana, fizessem no último dia das férias de verão.

Aquele miúdo está bem?, perguntei a uma das outras professoras, àquela de rosto pálido e lábios franzidos, que me evitava constantemente no corredor como se eu cheirasse mal. *Está à espera de alguém?*

Quem sabe?, resmungou ela. *Ele vai descobrir o caminho para casa.*

O tempo salta para o presente. O gosto metálico do sangue retesa a parte de trás da minha boca. Acho que mordi a língua.

Não está ninguém a gritar. Não se ouvem sirenes. Ninguém grita para que se chame o 112.

Ponho o carro em ponto-morto, puxo o travão de mão, certifico-me de que o carro não se vai mexer antes de tirar o cinto de segurança, agarro no puxador, e bato na porta com o ombro até que, por fim, ela abre.

Cambaleio para a rua, tentando equilibrar-me em cima das pernas e pés trémulos.

— O que é que lhe disse? — a voz da polícia sinaleira é monocórdica, quase lânguida comparada com a pulsação acelerada do meu pescoço. — O que é que lhe disse? — pergunta outra vez, com as mãos na cintura enquanto atravessa a passadeira.

Olho primeiro para o cruzamento. Livros, lancheira amachucada, termo com padrão axadrezado. É tudo.

É só isso.

Nenhum corpo. Nenhum rapazinho. Ele está no passeio. Uma rapariga, que deve ser a sua irmã mais velha, com talvez treze ou catorze anos, agarra-o por um punhado de roupas, de tal forma que ele está em bicos dos pés, uma barriga incongruente distendida espreita sob a bainha da *T-shirt*.

— Que *sinal* é que acabei de te *mostrar*? — a polícia sinaleira dá uma palmada na palavra de quatro letras *STOP*, depois segura o sinal a centímetros do rosto dele.

O rapazinho encolhe os ombros. Parece mais perplexo do que aterrorizado. Terá consciência do que quase aconteceu? A adolescente, que provavelmente lhe salvou a vida, parece mais irritada do que outra coisa qualquer.

— Idiota. Toma atenção aos camiões. — Ela empurra-o para a frente, depois larga-o e limpa a palma da mão às calças de ganga. Atirando para trás uma mão-cheia de longas tranças escuras e brilhantes, com contas vermelhas nas pontas, olha para o cruzamento e pestaneja para o que agora percebo ser o para-choques do Carocha caído na estrada, a única vítima daquela manhã. Foi *aquilo* que eu atropeliei. Não um rapazinho. Apenas metal, porcas e parafusos. Um pequeno milagre.

O motorista do camião e eu trocamos informações sobre os seguros — espero que não faça diferença o meu ainda não ser daquele estado — e o dia continuará. Provavelmente, ele estará tão aliviado como eu. Mais ainda, uma vez que foi ele que não respeitou a prioridade. O seu seguro deve responsabilizar-se por isto. Ainda bem, uma vez que nem sequer consigo pagar a franquia. Entre o arrendamento de uma das poucas casas que posso pagar, e a divisão da despesa da mudança com uma amiga que foi morar para a Florida, estou nas lonas até receber o meu primeiro ordenado.

O guincho da embraiagem a arranhar apanha-me de surpresa. Volto-me a tempo de ver o camião a desaparecer na estrada.

— Ei! — grito eu, e corro alguns metros atrás dele. — Ei! Volte aqui!

A perseguição revela-se infrutífera. Ele não vai parar, o asfalto está escorregadio com a condensação da humidade matinal do Sul do Luisiana, e eu estou de sandálias e saia comprida. Quando paro, a blusa que engomei cuidadosamente em cima das caixas das mudanças está colada à minha pele.

Um jipe luxuoso passa. A condutora, uma loira de cabelos compridos, fica a olhar para mim boquiaberta, e o meu estômago dá uma volta. Reconheço-a da reunião de boas-vindas de há dois dias. Ela é membro do conselho diretivo da escola e, tendo em conta a oferta de emprego de última hora e a receção pouco entusiasta até ao momento, não é exagero presumir que não fui a primeira escolha dela para o cargo... nem a de outra pessoa qualquer. A juntar ao facto de todos sabermos por que motivo estou aqui

nesta terriola, provavelmente não é um bom presságio para o cumprimento do período experimental do meu contrato.

— Não saberás se não experimentares. — Incentivo-me com um verso da música «Lonely People», um êxito da minha infância durante a década de 1970, e encaminho-me novamente para a escola. Estranhamente, a vida prossegue como se nada tivesse acontecido. Os carros circulam. A polícia sinaleira faz o seu trabalho. Evita, propositadamente, olhar para mim quando um autocarro escolar dá a volta.

O membro amputado do Carocha foi retirado do cruzamento — não sei por quem — e as pessoas contornam o meu carro educadamente, para chegarem às zonas, em forma de ferradura, onde deixam os alunos em frente à escola.

No passeio, a adolescente, talvez do oitavo ou nono ano — ainda não sou muito boa a avaliar crianças —, voltou a tomar conta do miúdo da passadeira. As contas vermelhas nas suas tranças balouçam de um lado para o outro da sua camisa colorida enquanto o arrasta para longe, o seu comportamento indica que ele não merece que se dê ao trabalho, mas sabe que é melhor tirá-lo dali. Leva os livros dele e o termo amontoados num braço e a lancheira amachucada pendurada no dedo do meio.

Dou uma volta ao meu carro, analisando a cena, confusa pela sua aparência de normalidade. Digo a mim própria para fazer o que toda a gente está a fazer — continua o dia. *Pensa em como tudo poderia ser pior*. Faço uma lista na minha cabeça, intermitentemente.

É assim que a minha carreira no ensino começa oficialmente.

À quarta aula, o jogo mental *Pensa em como tudo poderia ser pior* está a esgotar-se. Estou exausta. Estou confusa. Estou, efetivamente, a falar para o boneco. Os meus alunos, que vão do sétimo ao décimo segundo ano, estão desinspirados, infelizes, sonolentos, rabugentos, famintos, quase beligerantes, e, se a sua linguagem corporal é um sinal, mais do que prontos para acabarem comigo. Já tiveram professores como eu — tontinhas suburbanas, acabadinhas de sair da faculdade, que tentam exercer durante cinco anos numa escola pública para que os seus empréstimos federais de estudante sejam perdoados.

Este é um universo diferente do que eu conheço. Eu fiz a minha formação numa escola secundária de prestígio, sob a orientação de uma professora-mestre que se podia dar ao luxo de exigir qualquer tipo de material curricular que quisesse. Quando entrei a meio do ano, os seus caloiros estavam a ler *O Coração das Trevas* e a redigir esmerados trabalhos de cinco

parágrafos sobre assuntos subjacentes e a relevância social da literatura. Respondiam de boa vontade aos tópicos de discussão e sentavam-se direitos nas cadeiras. Sabiam escrever frases objetivas.

Em contraste, aqui, os alunos do nono ano olham para os exemplares de *A Quinta dos Animais*² com o mesmo interesse que as crianças desembrulham um tijolo que está debaixo da árvore de Natal.

— O quê que devemos fazer com isto? — pergunta uma rapariga da quarta aula, com o seu nariz atrevido franzido enquanto espreita por entre um emaranhado de cabelo cor de palha estragado pelas permanentes. É uma dos oito miúdos brancos numa turma sobrelotada de trinta e nove. Sobrenome *Fish*. Na turma também há outro *Fish*, um irmão ou primo dela. Já ouvi rumores sobre a família *Fish*. *Escória*, era o adjetivo usado. Nesta escola, os miúdos brancos encaixam-se em três categorias: escória, saloios ou rufias, o que quer dizer que de alguma forma há drogas envolvidas, e este é normalmente um padrão geracional nas famílias. Ouvi dois treinadores a enquadrarem casualmente os miúdos nessas categorias enquanto faziam as avaliações durante a reunião de professores. Os miúdos de famílias de posses ou verdadeiras aptidões atléticas são inscritos na ostentosa escola preparatória do distrito «ao pé do lago», onde ficam as casas mais chiques. Os miúdos verdadeiramente problemáticos são desviados para uma escola alternativa, sobre a qual apenas ouvi rumores. Todos os outros acabam aqui.

Nesta escola, os manhosos e os rufias sentam-se todos juntos no lado esquerdo da sala. É uma espécie de regra não escrita. Os miúdos da comunidade negra ocupam o outro lado da sala e a maior parte do fundo. Um grupo variado de não-conformistas e outros que tais — ameríndios, asiáticos, *punks*, e um ou dois totós — ocupa a terra de ninguém ao meio.

Estes miúdos segregam-se *intencionalmente*.

Será que já perceberam que estamos em 1987?

— Sim, p'ra que é isto? — outra rapariga, sobrenome... *G*... qualquer coisa... *Gibson*, reforça a pergunta sobre o livro. É uma da variedade que ocupa o meio da sala — não se enquadra muito bem em nenhum dos outros grupos. Não é branca nem negra... parece de ascendência multirracial e provavelmente parte ameríndia...

— É um livro, *Miss Gibson*. — Assim que as palavras saem da minha boca, percebo que soaram sarcásticas. Pouco profissionais, mas só

² *A Quinta dos Animais* (*Animal Farm*) — Obra de George Orwell, inicialmente publicada em Portugal com o título *O Triunfo dos Porcos*. (*N. da T.*)

estou ali há quatro horas e já perto do meu limite. — Abrimos as páginas. Assimilamos as palavras.

De qualquer forma, não sei bem como é que vamos fazer isso. Tenho grupos enormes de caloiros e de alunos do segundo ano, e apenas trinta exemplares de *A Quinta dos Animais* para distribuir na sala. Parecem ser antigos, as páginas estão amareladas ao longo das margens, mas as lombadas estão rígidas, o que indica que nunca foram abertos. Desenterrei-os ontem da minha arrecadação poeirenta. Cheiram mal.

— Vemos que lições o enredo nos ensina. O que nos mostra sobre a altura em que foi escrito, mas também sobre nós, aqui nesta sala de aula, nos dias de hoje.

A miúda de sobrenome Gibson arrasta uma unha roxa brilhante pelas páginas, folheia algumas e sacode o cabelo.

— Porquê?

A minha pulsação acelera. Pelo menos alguém tem o livro aberto e está a falar... para mim em vez de para o miúdo na mesa ao lado. Talvez, no primeiro dia, demore um pouco a entrar no ritmo. Na verdade, esta escola não é muito inspiradora. Paredes de cimento pintadas com tinta cinzenta que já começou a descascar, prateleiras caídas que parecem estar ali desde a Segunda Guerra Mundial, e janelas tapadas por uma espécie de tinta preta às riscas. Mais parece uma prisão do que um lugar para miúdos.

— Bem, por uma razão, eu quero saber o que é que *vocês* pensam. O que a literatura tem de bom é que é subjetiva. Não há dois leitores que leiam o mesmo livro, porque todos vemos as palavras através de olhos diferentes, filtramos a história através de experiências de vida distintas.

Tenho consciência de que mais algumas cabeças se voltam na minha direção, a maior parte da secção central, totós, proscritos e outros que tais. Aproveito tudo o que puder. Todas as revoluções começam com uma centelha em palha seca.

Alguém na fila de trás solta uma espécie de ronco. Outra pessoa peida-se. Os miúdos riem-se. Os que estão perto abandonam os seus livros e fogem do pivete como gazelas. Meia dúzia de rapazes formam um grupo que se puxa, empurra e acotovela ao pé do bengaleiro. Ordeno-lhes que se sentem, o que eles, é claro, ignoram. Gritar não vai ajudar. Já o tentei noutras aulas.

— Não há respostas certas ou erradas. Não quando se trata de literatura. — A minha voz luta contra a algazarra.

— Bem, então vai ser fácil. — Não vi quem fez o comentário. Algures na parte de trás da sala. Estico-me para tentar ver.

— Desde que tenham *lido* o *livro*, nenhuma resposta está errada. — Corrijo eu. — Desde que tenham refletido sobre ele.

— Eu estou a refletir no almoço — diz um miúdo obeso da turba irritante. Procuro o nome dele no livro de ponto, mas só me consigo lembrar que começa por um *R*, tanto o nome como o sobrenome.

— Só pensas nisso, Lil' Ray. O teu cérebro está ligado diretamente ao teu estômago.

A retaliação dá-se na forma de um empurrão. Alguém salta para as costas de outra pessoa.

Começo a transpirar.

Começam a voar bolas de papel. Levantam-se mais miúdos.

Alguém cambaleia para trás e cai por cima de uma mesa, a cabeça de um totó é atingida por um ténis-bota. A vítima grita.

A rapariga que pertence à escória e que está sentada ao pé da janela fecha o livro, apoia o queixo na palma da mão, e olha para os vidros enegrecidos como se desejasse atravessá-los por osmose.

— Basta! — grito eu, mas é inútil.

Subitamente — nem tenho a certeza como é que acontece —, Lil' Ray está em movimento, a afastar as mesas do seu caminho e a dirigir-se para a secção da escória como um homem com uma missão. Os totós abandonam o navio. As cadeiras guincham. Uma secretária tomba e bate no chão como o tiro de um canhão.

Salto por cima dela, aterro no meio da sala, deslizo cerca de trinta centímetros sobre o antigo pavimento industrial manchado e paro mesmo em frente a Lil' Ray.

— Eu disse *basta*, jovem! — a minha voz é três oitavas mais baixa do que o normal, gutural e estranhamente animalesca.

Apesar de ser difícil sermos levados a sério quando temos um metro e sessenta e uma constituição delgada, eu pareço a Linda Blair n' *O Exorcista*.

— Volta para o teu *lugar*. *Agora*.

Lil' Ray tem os olhos em brasa. As suas narinas dilatam-se, e o punho ergue-se.

Estou ciente de duas coisas. Ficou um silêncio sepulcral na sala de aula, e o Lil' Ray cheira mal. Muito mal. Há muito tempo que este miúdo e as suas roupas não veem água.

— Meu, abanca — diz outro miúdo, um rapaz magricela e bonito. — Estás-te a passar? O treinador Davis mata-te se souber disto.

A raiva desaparece do rosto de Lil' Ray como uma febre a ceder. Os braços dele relaxam-se. O punho abre-se, e ele esfrega a testa.

— Tenho fome — diz ele. — Não me estou a sentir bem. — Cambaleia por um segundo, e eu receio que ele desmaie.

— Senta-te... senta-te. — A minha mão paira no ar, como se eu o fosse amparar. — Faltam dezassete... dezassete minutos para a hora do almoço. — Tento ordenar os meus pensamentos. *Não dou importância ao que se passou? Faço de Lil' Ray um exemplo? Mando um recado para casa? Mando-o para o Conselho Diretivo? Qual é o regulamento disciplinar nesta escola?*

Alguém ouviu a algazarra? Olho para a porta.

Os miúdos interpretam isso como uma autorização para saírem. Agarram nas mochilas e vão diretos para a porta, passando por cima das mesas e das cadeiras, aos encontrões uns aos outros. Eles puxam-se, empurram-se, dão cotoveladas. Um aluno tenta escapar ao caos usando as mesas como degraus.

Se eles saírem, estou feita. A regra mais enfatizada durante a reunião de professores foi: *Não é permitida a presença de alunos nos corredores durante o período das aulas sem a supervisão de um adulto.* Ponto final. Há demasiadas lutas, faltas às aulas, consumo de tabaco, vandalismo das paredes, e outros atos de delinquência, que o diretor de ar cansado, Mr. Pevoto, deixou à nossa imaginação.

Se estão na vossa sala de aula, vocês são responsáveis por mantê-los lá.

Junto-me à debandada. Felizmente, sou ágil e estou mais perto da porta que a maior parte dos meus alunos. Só dois conseguem sair antes de eu me plantar na soleira, com os braços abertos para tapar a saída. É nessa altura que revisito *O Exorcista*. A minha cabeça deve estar a girar num ângulo de 360 graus em cima do meu pescoço, porque vejo um par de rapazes a correrem pelo corredor, a rirem-se e a congratularem-se um ao outro, e ao mesmo tempo observo os retardatários a esbarrarem no obstáculo que criei à saída. Lil' Ray está à frente e relativamente imóvel. Pelo menos, parece avesso a atropelar-me.

— Eu disse para voltarem para os vossos lugares. *Agora.* Ainda faltam... — olho para o relógio. — Quinze minutos. — Quinze? Não vou aguentar tanto tempo com este bando de arruaceiros. São de longe os piores do dia, e isso já é dizer muito.

Não há dinheiro que pague isto, e muito menos a ninharia de salário

que o distrito escolar aceitou pagar-me para eu exercer ali. Vou encontrar outra forma de pagar os meus empréstimos de estudante.

— Tenho fome — queixa-se o Lil' Ray, outra vez.

— Volta para o teu lugar.

— Mas tenho *fome*.

— Tens de comer antes de vir para a escola.

— Não havia nada na *'espensa*. — Uma película de suor cobre-lhe a pele acobreada, os seus olhos estão estranhamente vidrados. Fico com a sensação de que tenho problemas maiores do que a debandada. Diante de mim está um rapaz de quinze anos algo desesperado, e espera que eu resolva o problema.

— Todos os outros, voltem para os vossos lugares! — ordeno eu. — Ponham essas mesas no sítio. E *sentem-se*.

A área por detrás do Lil' Ray fica vazia lentamente. As solas dos ténis rangem. As mesas ressoam. As cadeiras arranham o pavimento. As mochilas caem com baques abafados.

Ouçoo uma agitação na sala de Ciências, do outro lado do corredor. Lá também está uma professora nova.

Uma treinadora de basquetebol feminino, acabada de sair da faculdade e com apenas vinte e três anos, se bem me lembro. Pelo menos tenho a vantagem de ser um pouco mais velha, de ter trabalhado enquanto tirava a licenciatura antes de me ter empenhado para tirar um mestrado em Literatura.

— Quem não estiver sentado nos próximos sessenta segundos vai ter de me entregar um trabalho de um parágrafo. Escrito a tinta. — *Vai ter de me entregar um trabalho* era a forma de intimidação a que Mrs. Hardy, a minha mentora, recorria. É a versão dos professores de Inglês de *faz vinte flexões*. A maior parte dos miúdos vai fazer quase tudo para evitar pegar numa caneta e escrever.

Lil' Ray pestaneja, o seu rosto de querubim está abatido.

— Miz? — a palavra é proferida num sussurro rouco e incerto.

— Miss Silva. — Já detesto que a palavra que os miúdos usam para se referir a mim por predefinição seja um genérico *Miz*, como se eu fosse uma estranha qualquer, talvez casada talvez não, e sem qualquer sobrenome que valha a pena lembrar. Pode ser o sobrenome do meu pai, e tendo em conta o nosso relacionamento, guardo algum rancor em relação a isso, mas mesmo assim...

Uma mão do tamanho da de um homem estende-se, agarra o ar, estica-se mais um pouco e fecha-se em torno do meu braço.

— Miss... eu não me estou a sentir...

Em seguida, dou conta de que Lil' Ray está encostado contra a ombreira, e nós estamos a cair. Faço um esforço para amortecer a queda enquanto milhares de coisas me passam pela cabeça. Hiperexcitação, drogas, uma doença, manha...

Os olhos de Lil' Ray ficam húmidos. Ele olha para mim com o ar apavorado de uma criança perdida no supermercado à procura da mãe.

— Lil' Ray, o que é que se passa? — ele não responde. Volto-me e pergunto à turma: — Ele tem algum problema de saúde?

Ninguém responde.

— Estás doente? — agora estamos cara a cara.

— Tenho... fome.

— Tomas algum medicamento? A enfermeira tem o teu medicamento? *Será que temos enfermeira na escola?*

— Já foste ao médico?

— Não... eu... só... tenho fome.

— Quando é que comeste pela última vez?

— Ontem, ao almoço.

— Porque é que não tomaste o pequeno-almoço esta manhã?

— Não havia nada na *'espensa*.

— Porque é que não jantaste ontem?

Rugas profundas sulcam a sua testa encharcada de suor. Ele pestaneja na minha direção, pestaneja outra vez.

— Não havia nada na *'espensa*.

A minha mente acelera a fundo contra a parede da realidade. Nem sequer tenho tempo para travar e suavizar o impacto. *'Espensa... 'espensa...*

Despensa.

Não havia nada na despensa.

Sinto-me maldisposta.

Entretanto, por detrás de mim, o barulho está a aumentar. Um lápis voa e bate na parede. Ouço outro bater no armário de metal que está ao pé da minha mesa.

Do meu bolso tiro um saco, já meio, de *M&M* de amendoim que me sobrou do lanche da manhã, ponho na mão de Lil' Ray e digo-lhe:

— Come isso.

Levanto-me a tempo de ver uma régua de plástico vermelho a voar através da porta entreaberta.

— Basta! — hoje já disse isto pelo menos duas dúzias de vezes.

Aparentemente, não estou a falar a sério, porque ainda aqui estou, neste outro reino do inferno de Dante. Apenas a tentar sobreviver ao Primeiro Dia. Seja por teimosia ou por uma desesperada necessidade de ter sucesso em alguma coisa, mas começo a apanhar do chão os exemplares de *A Quinta dos Animais* e a pousá-los com força em cima das mesas.

— O quê que devemos fazer com isto? — aquela queixa veio do lado direito da sala.

— Abram-nos. Deem uma vista de olhos. Peguem numa folha. Escrevam uma frase com a vossa opinião sobre qual é o assunto do livro.

— Só faltam oito minutos para tocar a campainha — retorquiu uma *punk* com uma crista às riscas azuis.

— Então despachem-se.

— Passou-se?

— Não temos tempo.

— Não é justo.

— Eu não vou escrever nada.

— Eu não vou ler livro nenhum. Isto tem... cento e quarenta páginas! Não consigo ler isso em cin... quatro minutos.

— Eu não vos *pedi* que o lessem. Pedi que dessem uma *vista de olhos*. Que formem uma opinião sobre qual é o assunto e que escrevam uma frase. Com essa frase, conseguirão ganhar a autorização para saírem da minha sala de aulas e o privilégio de poderem ir almoçar. — Aproximo-me da saída de onde, apercebo-me agora, Lil' Ray desapareceu, deixando como agradecimento o saco de *M&M* vazio.

— O Lil' Ray não escreveu nada. E pôde ir almoçar.

— Isso não é um problema vosso. — Olho para eles e relembro-me de que são alunos do nono ano. De catorze e quinze anos. Eles não me podem magoar.

Muito.

Os papéis restolham. As canetas batem no tampo das mesas. Os fechos das mochilas abrem-se.

— Não tenho folhas — protesta o magricela.

— Pede emprestado.

Ele estica o braço e tira uma folha da mesa de um totó. A vítima suspira, volta a abrir a mochila, e calmamente tira outra folha. Graças a Deus pelos totós. Desejava ter uma sala de aula cheia deles. O dia todo.

No fim, sou eu que ganho, mais ou menos. Sou presenteada com folhas amachucadas e um copioso número de atitudes desafiantes quando a

campainha toca e os miúdos tomam de assalto a porta. É apenas quando o último grupo está a esvaziar o funil que criei com a combinação do meu corpo e de uma mesa que reconheço umas tranças compridas e estreitas, com contas vermelhas nas pontas, umas calças de ganga desbotadas e uma camisa colorida. É a rapariga que esta manhã se afastou do cruzamento com o rapazinho da lancheira. Com todo aquele caos nem percebi que ela estava na minha sala.

Por um instante, acalento a ideia de que ela não me associou ao quase acidente da passadeira. Depois, folheio os últimos papéis da minha pilha e leio frases como:

Acho que é sobre uma quinta.

Aposto que este livro é uma seca.

Sobre um porco.

É uma sátira de George Orwell à sociedade russa.

Alguém chegou mesmo a copiar o resumo da contracapa. Há esperança.

E depois: *É sobre uma mulher louca que de manhã tem um acidente e bate com a cabeça. Ela entra numa escola, mas não faz ideia do que é que lá está a fazer.*

No dia seguinte, ela acorda e não regressa.